

A METÁFORA COMO PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA, COGNITIVA E CULTURAL

Ms. Leosmar Aparecido da SILVA¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estabelecer relações entre a metáfora cotidiana, a cognição, a cultura, a língua. Tais relações têm, portanto, um enfoque etnossintático, em que a língua é entendida como prática cultural mediada pelo pensamento. Como forma de validar as discussões teóricas, pautadas por estudiosos da lingüística cognitiva e da lingüística antropológica, algumas metáforas de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro serão analisadas.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Metáfora. Cognição.

1. Considerações iniciais

Dia 27 de julho de 2008. *Site* da UOL. Publicação da manchete:

(1) Metrô de São Paulo refaz relatório que criticava laudo final do IPT.

Usualmente, metrô é concebido como objeto ou coisa que possui os traços [-]animado e [-]volitivo. Na manchete, porém, tal palavra está relacionada a um verbo que, na sua estrutura subjacente, exigiria como primeiro elemento um sujeito com os traços de [+]animado, [+]agente, [+]volitivo. A ação de “refazer”, praticada pelo sujeito “metrô”, recai sobre o objeto “relatório” que, por sua vez, passa a desempenhar ação [+]animada e [+]agente quando associado à forma verbal “criticava”. Percebe-se, portanto, o uso de dois elementos [-]inanimados – metrô e relatório - como se fossem

¹ UEG/UFG. Professor de lingüística e língua portuguesa da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Rua 19, nº 208, apto 901. Centro. Cep.: 74.030.090. Goiânia, Goiás, Brasil, leosmarsilva@hotmail.com.

[+]animados. Uma metáfora. Mais especificamente uma metáfora da vida cotidiana porque está presente num gênero publicado diariamente, objetivo, não-literário.

As interações estabelecidas entre os falantes de uma língua específica – no nosso caso o português -, suas necessidades comunicativas e suas relações como a realidade, com a maneira de pensar e agir constituem fatores que contribuem para a produção da metáfora em que um elemento, conceptualmente visto como inanimado, ganhe características de um ser animado, como no caso da manchete.

A não-explicitação de nomes de pessoas e de empresas na manchete talvez seja a necessidade comunicativa, naquele momento, para que a culpa de uma crítica feita ao laudo do IPT não recaísse sobre ninguém em específico.

O exemplo acima exposto e a breve análise dele revelam um dos múltiplos aspectos das relações entre língua, cultura e pensamento: a produção de metáforas. Este artigo procura discutir e analisar a construção da metáfora como elemento lingüístico, cognitivo e cultural. Para isso, utilizaremos de um *corpus* de língua escrita, manchetes do *site* da UOL, e um *corpus* de língua falada, coletado por Silva (2005), na Cidade de Goiás, GO, Brasil.

2. Língua, cultura e cognição

O estudo das relações entre língua e cultura e entre língua e cognição desenvolveu-se bastante das décadas de 1980 e 1990. Assim, uma das propostas mais debatidas da lingüística moderna é a hipótese da relatividade lingüística² de Sapir-Whorf, segundo a qual as diferenças entre as línguas causam diferenças nos pensamentos de seus falantes.

² Na versão mais forte da hipótese, tem-se o determinismo lingüístico, o qual afirma que os pensamentos das pessoas são determinados pelas categorias permitidas pela língua.

Para não incorrer em uma postura lingüocentrista, Lucy (1996, p. 44) propõe que “um estudo adequado da relação entre a língua e o pensamento deve apresentar evidências claras da correlação entre o sistema lingüístico com os padrões não-lingüísticos (crenças e comportamento), individuais ou institucionais”. Afirmar também que

entender os usos culturais da linguagem é essencial não somente para avaliar o significado particular de um dado efeito estrutural tanto na própria cultura como entre culturas em contato, mas também para avaliar o significado geral da linguagem na vida social e psicológica.

Langacker (2002, p. 138), no âmbito da lingüística cognitiva, afirma que “culture has myriad manifestations in grammar”. Assim, a linguagem e a cultura são facetas imbricadas da cognição. A diversidade lingüística e cultural pode ser vista como desenvolvimento de recursos compartilhados que refletem aspectos universais do corpo humano, da mente e da experiência.

Assim, os estudos sobre cognição não implicam na exclusão nem na sucundarização dos fatores sociais, interacionais e culturais, visto que as mentes individuais não são entidades autônomas. É por meio da interação verbal e social, mediada pela cultura, que a cognição e a linguagem surgem, desenvolvem-se e estruturam-se.

Línguas diferentes necessariamente não implicam cérebros, mentes e cognição diferentes. A diferença entre as línguas revela, pelos estudos etnossintáticos, diferentes formas de ver o mundo, tal como afirma Wierzbicka (1979 *apud* Pawley, 2002, p.110): “as estruturas sintáticas de uma língua codificam certos significados específicos que incorporam uma certa visão de mundo”. Da mesma forma, Grace (1987 *apud* Pawley, 2002, p. 110) afirma que “as construções de uma língua são um conjunto de recursos para dizer coisas sobre o mundo”.

Isso nos permite afirmar que a produção da metáfora não constitui apenas um processo cognitivo. Ela conta com fatores de duas ordens: a) os lingüístico-cognitivos: aqueles internos, respectivamente, à organização da língua e do pensamento e; b) os sócio-culturais: aqueles externos à língua, presentes na situação comunicativa, na cultura e na sociedade.

3. Cognição e cultura na produção da metáfora

A metáfora cotidiana é considerada por Lakoff e Johnson (2002, p. 45) não apenas um mero ornamento lingüístico, mas um recurso vital do pensamento e da linguagem que está presente em todas as formas de comunicação humana. Constitui uma maneira de simbolizar abstratamente um conceito para o qual não há uma designação específica. Parece haver concordância entre o que dizem Lakoff e Johnson (2002) e o que afirma Sapir (1974), ao dizer a língua é um sistema simbólico perfeito para lidar com todas as referências e significados de uma dada cultura, seja na forma de comunicação concreta ou em pensamento. Dessa forma, o conteúdo de qualquer cultura é expresso na língua e não há material lingüístico que não seja capaz de simbolizar significados reais, mesmo aqueles que pertencem a outras culturas e que não seja capaz de, através de expansão de significado, expressar projeções da experiência.

A grande pergunta apontada por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 27) para entender a produção da metáfora é: como as pessoas adquirem rótulos para conceitos não codificados linguisticamente? Dentre as possibilidades de resposta, os autores apontam a extensão do uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos, por meio de analogia. Segundo os autores, as estratégias de mudança no léxico de uma língua são motivadas. O falante raramente inventa novas expressões. Ele as cria sob as formas lingüísticas já existentes. Seria o que Werner e Kaplan (1963, p. 403) *apud*

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) chamam de “princípio da exploração de velhos significados para novas funções.”

Tomasello (1999) vê a linguagem como um dos modos da cognição humana. Para o autor (p. 157), a interação entre as construções lingüísticas abstratas e palavras individuais concretas cria novas e poderosas possibilidades para construções de elementos derivacionais, analógicos e metafóricos. Os falantes podem criar as metáforas, então, quando os recursos léxicos e/ou gramaticais de seu inventário lingüístico não atendem as demandas funcionais de uma situação de interação.

Dentre os elementos do pensamento ou da cognição que são recrutados para a produção da metáfora está a criatividade. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) buscaram em diversos estudiosos como Taylor (1975), Mednick (1962), Manis (1971), Matlin (1989) considerações sobre ela, que pode ser entendida como: habilidade para trazer algo novo para a existência; associações diversas que são formadas com novas combinações; habilidade para ver coisas de maneira original, mas além da originalidade, um ato criativo envolve também um propósito específico; encontro de uma solução que pode ser útil e pouco comum; habilidade de conceituar domínios abstratos de cognição em termos de domínios concretos. Os autores destacam três tipos de criatividade: 1) **universal**: comum a toda a humanidade. Habilidade para conceituar pontos de orientação em termos de objetos concretos; 2) **comum**: específica a setores socioculturais, políticos, grupos étnicos, comunidades de fala, nações; 3) **individual**: é singular. Manifesta-se nas distinções entre pessoas “criativas” ou “menos criativas”.

Em *Metaphors We Live By*, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que metáfora constitui um mapeamento entre domínios que fazem parte de um sistema conceptual. Nesse sentido, a metáfora se torna uma maneira de conceptualizar as coisas do mundo, vinculada à formação cultural do homem e até à sua constituição biológica e

experienciação com o mundo ao seu redor. Conforme os autores, elas podem ser três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas.

Nas metáforas estruturais, o sujeito conceptualiza um elemento em termos de outro, demonstrando a sua visão sobre as coisas. Assim, o tempo é caracterizado como dinheiro; a discussão é caracterizada como guerra; o amor é caracterizado como loucura e outros.

As orientacionais organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro. A maioria delas tem a ver com a orientação espacial do tipo *para cima/ para baixo, dentro/fora, trás/frente, em cima de/ fora de, fundo/ raso, central/ periférico*. Segundo os autores, essa orientação espacial faz gerar conceitos estendidos como “feliz é para cima” e “triste é para baixo. Esse tipo de metáfora tem base em nossa experiência física e cultural; não é construída ao acaso e pode variar de uma cultura para outra.

Já as metáforas ontológicas, conforme os autores, referem-se ao fato de podermos compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias. Selecionamos partes delas e as tratamos como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme, como no exemplo a seguir: “inflação é uma entidade” e isso pode ser subtraído das expressões: *precisamos combater a inflação, a inflação está nos colocando em um beco sem saída*, e outras. Se tomarmos mais um exemplo de manchete do *site* da UOL, também coletada no dia 27 de julho de 2008, teremos:

(2) Acidente entre ônibus e carreta mata 13 no RS.

Em (2), o sujeito “acidente”, normalmente entendido como evento, ganha uma dimensão ontológica ao ser associado ao verbo “matar”. Numa sociedade em que

acidente de trânsito é comum e visto como negativo, a metáfora que o conceptualiza como “assassino” está, então, coerente com os valores culturais dessa sociedade.

Lakoff e Johnson (2002, p. 71 e ss) chamam atenção para o aspecto cultural relacionado à metáfora. Os autores atribuem grande parte da sistematicidade que se expressa no sentido metafórico como um reflexo das experiências culturais por meio das quais representamos a realidade. A realização da metáfora em determinada língua por dada comunidade de falantes seria uma manifestação do seu poder de conceber e representar uma realidade que está invariavelmente impregnada de valores culturais.

Em (3), é possível perceber novamente uma manchete em que há metáfora ontológica culturalmente orientada. A manchete foi coletada no *site* da UOL no dia 17 de julho de 2008. Vejamos:

(3) Via Amarela culpa terreno por cratera no metrô.

O sintagma “Via Amarela”, sujeito da oração, é usado para se referir ao consórcio que executa obras do metrô em SP. Como ele está associado ao verbo “culpar”, não foi usado na sua forma mais concreta com sujeito pessoa/agente, cuja ação recai sobre um objeto também pessoa/paciente. Na mesma manchete, percebe-se outra metáfora, visto que o objeto “terreno” ganha características ontológicas como se fosse uma pessoa e pudesse ser responsabilizado pelo fato.

Como se vê, a metáfora está mais presente no cotidiano do que se normalmente imagina. Diante disso, cabe questionar: será que o falante percebe sua construção? Quanto à produção textual escrita das manchetes metafóricas, elas são "intencionais" no discurso jornalístico ou simplesmente estão sendo “naturalizadas” por ele? Até que

ponto linguagem e cultura influenciam a conceitualização e em que medida tal conceitualização varia entre culturas, comunidades e indivíduos?

Enquanto se faz uma reflexão sobre as questões acima apontadas e se pensa em outras, vejamos as metáforas descritas em (4) e (5). Ambas foram coletadas no dia 18 de agosto de 2008, no *site* da UOL, e podem ser entendidas, conforme a categorização de Lakoff e Johnson (2002), como metáforas orientacionais, uma vez direcionam “para cima” (4) e “para baixo” (5):

(4) Quadro de "ajuda ao pobre" faz TVs subirem no ibope.

(5) Bolsa cai 1,69% e atinge menor nível desde setembro de 2007.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 71-72), as asserções “mais é para cima” e “alto *status* é para cima” são valores profundamente enraizados na cultura ocidental e, portanto, as metáforas que surgirem delas estarão coerentes com o sistema metafórico da cultura ocidental. É o que se observa em (4) e (5). A necessidade de noticiar que o ibope de um quadro das TVs subiu e que bolsa cai é porque “subir” no ibope é algo importante para a cultura brasileira, assim como o fato de a bolsa de valores “cair” é algo ruim para aqueles que nela investem e dela dependem indiretamente. Pode ser que subgrupos da mesma cultura não considerem positivo o fato de o ibope “subir” e não considerem negativo a bolsa “cair”. Isso se explica, conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 73), porque

há grupos cuja característica principal é o fato de compartilharem certos valores importantes que estão em conflito com os da cultura principal. Tomem como exemplo as ordens monásticas como os trapistas: para eles MENOS É MELHOR e MENOR É MELHOR se aplicam em relação a posses materiais, que são vistas como prejudiciais àquilo que é realmente importante, no caso, servir a Deus.

Cameron (2003, p. 23), ao falar sobre a dimensão sócio-cultural da metáfora, afirma que “se as metáforas são parte da nossa herança sócio-cultural, então, o aprendizado na infância incluirá a aquisição de mapeamentos metafóricos para certos conceitos.” Os conceitos de espaço e tempo, por exemplo, desde a infância poderão ser adquiridos conforme a cultura os concebe e que mecanismos utiliza para metaforizar um em termos de outro, como em *perto do lago* e *perto do natal*.

Diante disso, cabe-nos ainda refletir e pesquisar sobre questões já apontadas por Silva (2004): existem conceitos, metáforas e sentimentos/emoções universais? Como articular a hipótese dos conceitos universais verificada pelos autores da lingüística cognitiva como Lakoff e Johnson (2002) com os recentes resultados de estudos interlingüísticos que demonstram que falantes de diferentes culturas conceptualizam domínios cognitivos básicos como o espaço de maneira completamente diferente, o que daria crédito ao princípio da relatividade lingüística?

4. Metáforas de língua falada

O corpo humano, segundo Lakoff e Johnson (2002), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), é a base física para a criação de metáforas orientacionais do tipo *para cima/ para baixo, dentro/ fora, frente/ trás, em cima de/ fora de, central/ periférico*. Uma postura caída, por exemplo, corresponde a certa tristeza e depressão, ao passo que postura ereta corresponde a um estado emocional positivo. Uma metáfora como “ele está mesmo *para baixo* estes dias” possui o corpo humano como referência espacial para falar de um estado de tristeza de alguém.

No processo de construção da metáfora, normalmente, há uma forma-fonte e a forma metaforizada. A forma-fonte pode ser entendida como os lexemas básicos de uma língua natural. Partes do corpo (cabeça, mãos, pés...), coisas da natureza (céu, terra...),

seres humanos (pessoa, pai, mãe, criança...), ações (chegar, pegar, dar, usar...), verbos de postura (levantar, sentar-se...), processo mental (entender...), quantidade (um, muitos...) originalmente expressam conceitos concretos. Assim, segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), uma parte do corpo, costas, por exemplo, pode ser entendida como objeto concreto. Em alguns casos, porém, o seu sentido pode ser estendido metaforicamente e conceituar categorias mais abstratas como: espaço (atrás), tempo (depois) e qualidade (retardado). Desse modo, uma categoria mais abstrata tem sua forma-fonte numa categoria mais concreta e conceitual. Isso gera uma série de polissemias para a palavra em questão.

Em vista dessas observações, além das metáforas de língua escrita retiradas do *site* da UOL, selecionamos do *corpus* coletado por Silva (2005), na Cidade de Goiás – GO, alguns dados de língua falada em que se verificam também metáforas do cotidiano.

Vejamos o exemplo (6):

(6) Teve... teve sim... qu/eu namorei um rapaiz... é quase um ano... né? aí eu gostava muito dele... aí:: té que um dia eu... nós dois brigô... aí peguei e... nesse dia... no dia mesmo que nós brigô eu conheci esse... que é meu marido agora... né? aí a gente encontrô... ele ficava mim oiano... sim... **nasceu aquela paixão...** né? aí a gente começô... eu terminei com o outro rapaiz... nós começô a namorá... aí:: namorô um ano e pôco até nós casá... (S.B.3, G1, F, C, grifo nosso)

O exemplo (6) revela a metáfora PAIXÃO É SER VIVO. Se considerada a forma-fonte do verbo “nascer”, veremos que, em acepção mais concreta, ele exige um argumento com o traço [+]animado. Da mesma forma que a paixão pode nascer, o falante, em outro momento de enunciação, poderá dizer que a paixão cresceu ou que ela morreu. A semântica dos verbos “nascer”, “crescer” e “morrer” indica-nos que são processos relacionados normalmente ao que é vivo, daí, então, a pertinência da metáfora. Além disso, se houve a necessidade de o falante construir a referida metáfora, parece-nos que a paixão é elemento constituído de valor na cultura em que o falante está inserido.

Na mesma direção, o dado de língua falada em (7) revela outra metáfora: a de que O MUNDO É ESCOLA:

(7) **eu acho que a escola do mundo** que eu tive foi a melhor coisa q/eu tive... as veiz hoje... hoje eu agradeço muito a Deus porque... a necessidade que eu sinto da... da leitura mesmo... é pôca porque **o mundo me ensinô muita coisa**... só porque do que **o mundo me ensinô eu tirei as melhores página**... os melhores exempro eu tirei da escola do mundo... cê entendeu ... (J.C.R.O, 1, G1, M, 3, grifo nosso)

O conceito metafórico MUNDO É ESCOLA mostra que o falante parte de suas experiências cotidianas com escola/professor para conceptualizar o mundo. O falante revela conhecer muito bem o que é uma escola no seu sentido literal, qual a sua função social e seus objetivos a ponto de estender esse sentido literal para um domínio mais abstrato e criar espontaneamente a metáfora. Além disso, revela dominar também o conceito de mundo e ter experienciado sua dinâmica nas relações cotidianas. Os trechos em seguida acentuam ainda mais a consistência da metáfora: o verbo “ensinar” associado a “muita coisa” e o verbo “tirar” associado a “melhores páginas” têm o sentido de absorver, via experimentação, a “aprendizagem” oferecida pelo mundo. Essa maneira de concebê-lo não se impõe como uma necessidade a todos os seres humanos. Ela está ligada à cultura. Há culturas em que o mundo pode não ser pensado como escola.

Os exemplos (8), (9) e (10), apresentados abaixo, revelam metáforas construídas a partir do verbo “usar”:

(8) eu que não tenho religião definida... eu... eu acredito muito em Deus... demais da conta... eu acredito muito em Deus... eu até tive numa loja ontem... eu cheguei lá e... procurei as funcionária lá... até fiiz uma brincadeira com elas... eu cheguei lá e procurei pra elas... você tem sobre tudo... que **é aquelas rôpa que a gente usa por cima** né... dessas normalmente... só caubói que usa... por cima da rôpa normal... (J.C.R. 1, G1, M, C)

(9) as veiz a gente queria durmi até mais tarde num tinha nem como porque os/otro chegava batia na porta... tinha que saí correno catano cochão dentro da casa pa... abri porta... ela falô... não tá muito difici... aí pôe os minino pra durmi aqui aí eu puis os dois pra durmi lá na casa dela no quarto e eu mais meu esposo durmia em casa e foi muita luta... muita luta mesmo até que

Deus... usô minha sogra e mim deu isso aqui e eu comecei a orá falei pra minha líder de célula... (M. E., 2, G2, F, D)

(10) o senhor acha que hoje o senhor xingá vai resolvê alguma coisa... eu acho que () da idade do senhor tamém num acalha bem...acho que o senhor devia de pensar bem **antes di dirigi a palavra...** por que até hoje **eu faço uso da palavra e uso do exemplo que o senhor mim passô...** i eu vô pedi o senhor um favor... quando o senhor tiver junto comigo... por favor o senhor não xinga... ele desceu lágrima no olho... e nunca mais vi ele xingano... (J.C.R 1, G1, M, C)

Os três exemplos foram colocados juntos para verificarmos diferentes níveis de abstração metafórica. O verbo “usar” em “a gente usa roupa”, (cf. exemplo 8), possui uma acepção mais concreta. Poderíamos dizer que constitui a forma-fonte na escala de abstração dos três exemplos apresentados.

Em (9), já existe uma metaforização, uma vez que na linguagem não-metafórica “pessoas” não são objetos para serem “usados”. Considera-se aqui que o falante expressa a metáfora PESSOAS SÃO INSTRUMENTOS. Ser usado por Deus é um traço positivo da cultura em que o falante está inserido. Dizer que uma pessoa foi usada por outra, na mesma cultura, tem sentido negativo E mais: revela a superioridade de Deus, nesse caso, cultural e semanticamente concebido como agente. Revela também relativa inferioridade do fiel, em relação ao poder de Deus. Tal fiel é visto como instrumento, aquele que é tocado, que também age, mas por meio de outra força: a de Deus.

Em (10), assim como em (9), é possível inferir, a partir do trecho “eu faço uso da palavra e do exemplo que o senhor me passô”, a metáfora PALAVRAS E EXEMPLOS SÃO INSTRUMENTOS. Nesse caso, em que o filho relata a conversa que teve com o pai, a metaforização está num estágio bem mais abstrato que em (8) e (9), visto que os signos não são propriamente as coisas que possuem substância, forma, volume e cor. As redes de encadeamento discursivo, os valores e as virtudes do pai do falante serviram-lhe de exemplo para construir sua própria rede de discurso. Tal fato revela, por meio da

codificação lingüística, construtos culturais sendo explicitamente transmitidos de uma geração para outra, do pai para o filho. O falante se volta para a análise de uma produção fala e reflete sobre ela. Além das observações feitas em relação ao exemplo (10), percebe-se que A PALAVRA TEM DIREÇÃO, PODE SER DIRIGIDA. A expressão usada pelo falante – “dirigir a palavra” – tornou-se bastante usual no Português do Brasil, principalmente, em situações formais de fala. É, portanto, uma forma culturalmente polida de falar com o interlocutor, ao mesmo tempo em que pode ser usada para ironizá-lo. O uso demasiado, porém, fê-la ser vista como um lugar-comum. Também constitui metáfora porque o verbo “dirigir”, na sua forma mais concreta, exige, em sua organização sintático-semântica, um argumento que seja coisa/objeto como carro, carroça, bicicleta, outros.

A metáfora presente em (11) mostra a visão que o falante tem de desperdício, de exploração e, conseqüentemente, de poder:

(11) Gente que::: esperdiça as coisa... mais sempre esperdiçano é o suó dos outros... sempre minha mãe fala... minha mãe fala assim pro meus irmãos assim... cêis tem que trabaiá... cêis num **pode ficá comeno o suó dos otros não... é pecado...**(S.B.L.S., G1, F, D, grifo nosso).

O falante, em (11), é visivelmente contra o desperdício. Considera-o, nos termos da metáfora orientacional, *para baixo*. A incorporação de uma cultura marcada pela fome, pelo capitalismo, pela exploração, pelo trabalho e pela religião permite ao falante reproduzir o que dizia sua mãe: não se deve desperdiçar aquilo que custou o suor – metaforizado como trabalho – do outro. Vejamos que esse é um exemplo de metáfora estrutural, visto que uma palavra – suor - foi estruturada em termos de outra – trabalho – numa relação, ao mesmo tempo, de similaridade e de contigüidade, que se traduzem numa metáfora-metonímia.

Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 182), há transferência metafórica de um domínio *de re* (das coisas), mais concreto, derivado de uma dêixis espacial, para um domínio *de dicto* (do dizer), mais abstrato. É o que se verifica nos exemplos (12), (13), (14), (15) e (16), em que o verbo “pegar” parte de uma acepção mais concreta, do domínio *de re*, e vai ganhando acepções mais abstratas, própria do domínio *de dicto*. Assim, os falantes usam tal verbo que revelam uma escala de abstração: *pegar a pedra, pegar o irmão, pegar o trieiro, pegar o trabalho, pegar e falar*. Tal escala designa respectivamente OBJETO (em 12), PESSOA (em 13), LUGAR (em 14), AÇÃO (em 15), MARCAÇÃO DISCURSIVA (em 16). Vejamos:

(12) Tem a pedra de alisá...uma pedra li::sinha... **a gente pega** no rii... aí a gente vai lixano a panela até ela ficá lisinha... aí mais pô fim ela fica boa... facim da gente alisá a panela... aí:: **pega e lixa**... a gente móia a vazia... passa a pedra nela... aí guarda ela... as panela... aí ela seca fica branquinha... sequinha sabe... aí depois que põe ela no forno... pra... pra queimá...nóis coloca ela a vazia no forno de manhã... vai ela... até a noite... lá p/elas seis hora que começa pô fogo mesmo sabe? durante o dia é só quele foguim... só pra í aqueceno... (S.B.3, G1, F, C, grifo nosso)

(13) o meu irmão mais novo tinha negoço de:: malandrage... era custoso demais já... essa época eu já era maiô um poquim já né?... ele foi pescá um dia na bêra do rii aí escondido de nós... falô que ia pá aula e ia pescá () aí ele jogô n/hora qu/ele chegô em casa com o anzol engarranchado na bera dos zói... aí nós teve que levá ele no médico i:: rancá aí... apanhô da minha mãe e de mim ainda qu/eu segurei ((risos)) minha mãe num tava dano conta de segurá ele... mais aí eu segurei pra minha mãe batê que até hoje ele tem ra... ele conta essa história inda... fala que'sse dia ele ficô com raiva demais da conta... **si ele pudesse pegá eu e batê ele batia**. (J. C. S.8, G2, M, D, grifo nosso)

(14) não... cunzinhava só fugão caipira... aqui pru lado da Bagage aqui nós catava lenha aqui... nós tirava muita madêra aqui... pra fazê barraco... hoje tá tudo... tomado... aqui tinha o Asilo... era um **triereo** pra nós í lá pru Asilo... nesse zistia Asilo... **nóis pegava era o triereo**... num tinha rua, num tinha casa, num tinha nada... (M.T. 9, G3, F, 0, grifo nosso)

(15) Que trabalha assim... ixi ajudô e foi muito... tinha dia de domingo assim... eles **pegava de manhã cedo assim... ia até de noite... trabaiano**... cada um né? Ajudano... (S.B.3, G1, F, C, grifo nosso)

(16) **aí ela pegô e falô** assim não então vamo arrumá a casa pra alugá... eu vô pagá o aluguel procêis todo mês eu mando aluguel procêis cê toma as providência e arruma uma casa pra alugá e fu... aí eu peguei e comecei nem falei pro meu esposo não aí um dia... aí um dia **ela pegô e falô pra ele**... cêis já arrumô a casa de alugá? Cêis já mudô ele falô assim não... aí um

dia ele enfezô falô assim não num vô procurá casa nenhuma não se ela quisé ela vai aí eu fui peguei saí andei... um dia ele saiu com nós... achô umas casa até mais ô menos... mais aí a casa num dava... num tinha condição dela pagá pra nós... o aluguel ficava caro... aí **eu peguei falei...** que sabê duma coisa... aí um dia **ela pegô i::: enfezô...** falô assim pra mim... eu num vô mexê com nada (M. E., 2, G3, D)

A proximidade lingüística dos falantes com o verbo “pegar” em suas diferentes funções, ora menos metafórica ora mais metafórica, é indicadora de que o inventário cultural deles exige uma relação direta, sensorial, talvez tátil do sujeito falante com objetos (12), pessoas (13), lugares (14), ações (15), marcações discursivas (16).

5. Considerações finais

Todas as considerações feitas neste texto trazem a lembrança de que na Cidade de Goiás, GO, Brasil, até mais ou menos nos anos de 1980 e 1990, muitas ruas não eram bloqueadas ou asfaltadas. Uma delas era chamada “Rua da Lama”. A motivação para tal denominação era que, durante o período chuvoso, a referida rua se alagava e formava muitas poças de lama. Com o passar do tempo, concentraram-se na “Rua da Lama” diversos cabarés, que se entremeavam entre as outras casas. A partir de então, a nominada “Rua da Lama” ganhou um sentido outro. Passou a designar, além de rua com poças d’água, a atitude das mulheres que vivam da venda do corpo. Lama no sentido daquelas que estavam na sarjeta, no pecado, na atividade suja. As residências que não eram cabarés ganhavam por escrito a inscrição CASA DE FAMÍLIA.

Esse exemplo mostra como a língua é capaz de codificar valores culturais, nesse caso específico, valores em que a prostituição é, conforme a metáfora orientacional, taxionomizada por Lakoff e Johnson (2002), *para baixo*. Várias são as maneiras de codificar na língua aspectos culturais: por meio de morfemas designativos de gênero; por meio de polissemias de uma mesma forma lingüística; por meio de um léxico específico; por meio da forma de se conceber formas como redondo, quadrado,

retangular; por meio, enfim, da metáfora, neste texto estudada como uma produção cognitiva e também cultural.

Gumperz e Levinson (1996), ao citarem Fodor (1983) afirmam que a mente é modular, composta por subsistemas especializados para o processamento automático e inconsciente de tipos particulares de informação (visual, auditiva e outras). Para falar sobre o que vemos, por exemplo, o *output* desses sistemas especializados deve ser executado em algum sistema central de processamento de informação, onde o pensamento ocorre. É como o sistema computacional em que há dados de entrada e de saída e uma central onde se processam as informações. Segundo os autores, em relação ao pensamento/linguagem, cada *input/output* é um sistema de módulos. O processamento central pode ser diferenciado em diferentes “linguagens de pensamento” (proposicional, imagética, outras). Pode-se supor, então, que o pensamento possui propriedades universais, presentes no interior das estruturas lingüísticas. Uma dessas propriedades é, segundo os cognitivistas, a habilidade de fazer analogias e criar metáforas.

É preciso considerar, porém, que, externamente ao pensamento, existe a expressão cultural que atua como motivadora para a produção de metáforas, já que constitui uma forma de ver e conceptualizar o mundo e nele atuar. Em virtude disso, ela aparece de diferentes maneiras em diferentes línguas.

Nesse sentido, universal e particular se envolvem, entram em conflito, dialogam e desencadeiam discussões que carecem de mais estudo e pesquisa para entender este sistema sócio-interativo-simbólico de signos chamado língua.

6. Referências bibliográficas

- BLOUNT, B. G. Introduction. In: BLOUNT, B. G. (ed). *Language, culture and society: a book of readings*. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc. 1974. p. 1-10.
- CAMERON, L. & G. LOW. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: University Press, 2002.
- GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. Introduction to part I. In: *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge University Press, 1996.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- LANGACKER, R. W. A study in unified diversity: English and Mixtec locatives. In: ENFIELD, N. J. *Ethosyntax*. New York: Oxford University Press, 2002.
- LUCY, J. A. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C (ed.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge University Press, 1996. p. 37-69.
- PAWLEY, A. “Using *he* and *she* for inanimate referents in English: questions of grammar and world view.” In: ENFIELD, N. J. *Ethosyntax: explorations in grammar and culture*. Oxford University Press, 2002.
- SAPIR, E. “Language”. In: BLOUNT, B. (ed). *Language, culture and society: a book of readings*. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc., 1974.
- SILVA, Augusto Soares. Linguagem, cultura e cognição, ou a Lingüística Cognitiva. In: SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, Miguel (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de lingüística cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. 1, 2004, PP. 1-18. Disponível em: < http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html> Acesso em: 18 ago. 2008.
- SILVA, Leosmar Aparecido. *Os usos “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. Goiânia, 2005. 187 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.
- TAYLOR, John R. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. New York: Oxford University Press, 1989.
- TOMASELLO, M. *The cultural origins of Human Cognition*. Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1999.

WIERZBICKA, A. Australian key words and core cultural values. In: WIERZBICKA, A. *Understanding cultures through their key words*. London: Oxford University Press, 1997.

_____. *Understanding cultures through their key words: English, Russian, Polish, German and Japanese*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 125-155.